

lançamento da evangelização, uma re-evangelização que se centre no anúncio do Reino de Deus para todos, a partir dos pobres;

b) acentuar o rosto peregrino e perseguido de Maria, diante de uma situação de injustiça e pobreza, em que os oprimidos da América são convidados a olhar para Maria, não como a uma mulher distante de suas vidas, mas como a Mulher que está com eles e os acompanha na sua caminhada de fé no Deus libertador;

c) evitar devoções e linguagens que possam desfigurar o rosto de Maria histórica, que possam levar ao esquecimento ou à sombra os fatos concretos da sua história de pobreza e sofrimento;

d) relacionar sempre os dogmas marianos, as devoções populares, os títulos, os lugares e santuários, as aparições, a eventos concretos de sua história de peregrinação na fé;

e) ressaltar os aspectos ecumênicos do culto a Maria, quais sejam: Maria como ouvinte da Palavra, protótipo de todo crente, menos pela maternidade biológica do que pela maternidade espiritual de receber a Palavra e cumpri-la; obediente ao Espírito, do qual é a primeira testemunha;

f) valorizar o papel de Maria como irmã, amiga, mulher, em favor de relações mais fraternas com ela (sem diminuir a relação vertical de filiação.);

g) libertar Maria das projeções que uma hierarquia sacerdotal masculina tem sustentado, em detrimento de uma postura clara e evangélica diante da sexualidade humana, ao fazer de Maria um modelo impossível que é usado contra a mulher;

h) buscar, numa teologia feminina, metáforas femininas para o discurso sobre Deus, em vistas de uma terminologia tanto masculina quanto feminina que verbalize nossa experiência de Deus, mas evitando uma identificação de Maria com o feminino, que poderia levar ao equívoco de representar a masculinidade somente em Jesus; pois, se Deus não se esgota no masculino, também Maria vai além da distinção dos sexos, para ser a primeira pessoa, a primeira dentre homens e mulheres, a se tornar discípula da Palavra feita carne;

i) tratar Maria como Mãe, não tanto por motivos sentimentalistas, mas por motivos teológicos, isto é, por ser ela um documento vivo, um memorial feito de sinais e vivências dos primeiros tempos do nosso cristianismo, a origem de nossa vida cristã; ela é um lugar de convergência, diante do qual a Igreja pode conferir a verdade sobre si mesma e sua fidelidade a Deus e aos homens; nela, os cristãos podem encontrar as verdades centrais da nossa fé, levadas à perfeição da praticidade, desde a revelação da Trindade (ela é Mãe do Filho de Deus Pai, por ação e poder do Espírito Santo), até a história-mistério da Cruz-Ressurreição, com seu ponto de partida na encarnação, sua confirmação no Pentecostes, e sua longa e ainda inacabada gestação na Igreja.

Fontes:

Documento de Puebla, 254-303

- 1) L. BOFF, *A Avo-Maria*, Vozes, Petrópolis, 1979. *O rosto materno de Deus*, Vozes, Petrópolis, 1979
- 2) A. M. AUTRAN, "A Igreja e o mundo redescobrem Maria, a discípula de Cristo", em *Atualização* 207 (1987) 191-195
- 3) C. BAZARRA, "Maria: ponto de união ou de divisão dos cristãos?", em *Atualização* 207 (1987) 197-202
- 4) P. RANGEL, "Maria: Memória da Igreja", em *Atualização* 207 (1987) 203-205

Endereço do Autor:
Instituto Teológico de Santa Catarina
Cx. Postal 5041
88041 — Florianópolis — SC

DOCUMENTO TRADUÇÃO ANTIPATRIARCAL DA BÍBLIA

por: Paul Gerhard Müller (Diretor da Associação Bíblica Católica da Alemanha Ocidental)

Uma nova tradução antipatriarcal da Bíblia está causando grande sensação nos Estados Unidos. A palavra *Deus* é traduzida por "Divindade"; *Pai*, referindo-se a Deus, é "Mãe e Pai"; *Filho de Deus* é "Criança da Divindade"; *homem* é "pessoa", e *Adão* é "humanidade". Onde quer que haja predomínio ou preferência masculinos, agregou-se uma contraparte feminina ou, se isto não é possível, substituiu-se por uma expressão neutra. Assim, a totalidade da Bíblia foi pressionada sistematicamente pelo drástico filtro da ideologia feminista.

Esta tradução excepcional da Bíblia pode ser encontrada no novo Lecionário de leituras escriturísticas, para as celebrações litúrgicas do domingo e festas, com o nome de "Inclusive Language Lectionary" ("Lecionário em Linguagem Inclusiva"). Esta publicação trata de eliminar um predomínio unilateral e patriarcal masculino, introduzindo palavras que ampliam o significado, isto é, fazem com que o sentido masculino-feminino se torne mais claro.

O projeto do Lecionário em linguagem especial foi comissionado pelo Conselho Nacional de Igrejas da América, uma organização ecumênica que compreende trinta Igrejas, protestantes e ortodoxas. Uma equipe de onze peritos bíblicos e pastores, incluindo a Irmã Dianne Bergant, trabalhou durante dois anos para completar o Lecionário, que será aplicado experimentalmente nas principais Igrejas livres protestantes. O livro, de 192 páginas, é o primeiro de três volumes que, quando forem completos, compreenderão 95% do Novo Testamento e 40% do Antigo Testamento, adaptado da "Revised Standard Version" ("Versão-Modelo Revista").

Posto que a Sagrada Escritura é o primeiro instrumento para edificar comunidades, a Bíblia não deveria expressar-se exclusivamente em termos masculinos mas sim deveria oferecer, através de sua linguagem, formas de identificação às ouvintes femininas da Palavra.

Segundo o Prof. Victor H. Gold, do Seminário Luterano do Pacífico, diretor da equipe de tradução, e David Nag, diretor do Conselho Nacional de Igrejas, a meta, antes de tudo, é a de emancipar o texto bíblico do domínio masculino que prevalece por toda a Bíblia. Posto que a Sagrada Escritura é o primeiro instrumento para edificar comunidades, a Bíblia não deveria expressar-se exclusivamente em termos masculinos mas sim deveria oferecer, através de sua linguagem, formas de identificação às ouvintes femininas da Palavra, segundo a Prof. Susan Thintlewaite, do Seminário Teológico de Chicago.

A opinião do Dr. Thomas Hoyt, Professor de Antigo Testamento, é que as mulheres não deveriam sentir-se excluídas da comunidade por causa da linguagem da Bíblia. Ao contrário, acrescentou, a igualdade dos dois sexos perante Deus deveria ser o princípio que norteie tudo, e por isso a linguagem tem de ser "inclusiva" em relação à mulher, na teologia e na Igreja. Por exemplo, à expressão que se encontra em Mateus 3, 9: "... temos Abraão como nosso pai" deveria acrescentar-se: "e Sara e Agar como nossas mães". Da mesma forma, as palavras do Cristo

ressuscitado estariam inelhor expressas assim: "A paz esteja com vocês. Como Deus, Mãe e Pai, me enviou, assim eu envio vocês" (Jo 20, 21). Da mesma forma, na oração sacerdotal, se faz Jesus dizer: "Deus, minha Mãe e meu Pai, chegou a hora: glorifique a sua criança" (*child*, neutro, Jo 17, 1). No Gênesis, em vez das palavras: "Façamos o homem à nossa imagem" (Gn 1, 26), ler-se-á: "Façamos a humanidade à nossa imagem". O "homem cego" do evangelho se torna "a pessoa cega". O mandato à Madalena: "Vai aos meus irmãos" (Jo 20, 17) se muda em: "Vai às minhas irmãs e irmãos" (em inglês: "Go to my friends", sendo este um termo neutro).

Houve naturalmente reações de crítica a esta iniciativa. O Prof. Bruce Metzger, do Seminário Teológico de Princeton, diretor do comitê de revisão da "Revised Standard Version", queixou-se de que estas clarificações sobre Deus deveriam ficar restritas ao marco da instrução catequética, e em nenhuma circunstância dever-se-ia falsificar (!) o texto original ao querer adaptá-lo a cada capricho ou ideologia. A Bíblia deve ser um testemunho da circunstância histórica do passado, e cada modernização deve ser feita só desse ponto de partida, ou seja, com o texto original como pauta dominante.

O Arcebispo ortodoxo grego Iakivos dos E.E.U.U. opinou que esta tradução tendenciosa "não reflete nem a tradição nem o respeito pela Escritura". A Igreja Luterana já anunciou que o novo Leccionário não seria usado em nenhuma de suas 6.000 paróquias, já que a tradução era não só incorreta em algumas passagens mas também empobrece e distorce o estilo linguístico. O bispo James Crumley de New York acrescentou que falar

de Deus como "Deus-Mãe" implicava que Deus seria bissexual em vez de assexual. O pastor Art Gay, Presidente da Assembléia Evangélica Nacional, chegou mais longe em sua crítica, manifestando que o novo Leccionário violentava o texto original e colocava em xeque a autoridade da Bíblia.

Para contrabalançar esses perigos, os tradutores indicaram todos os desvios do original em Notas ao pé da página e em esclarecimentos. Entretanto, como esses esclarecimentos não aparecem quando o texto é proclamado durante a celebração, eles são de pouco valor para ajudar a assembléia a comparar a nova tradução com a terminologia original.

Em vista das excelentes traduções da Bíblia que se fizeram com fidelidade aos textos originais, e levando em conta as necessidades dos cristãos contemporâneos, é desejo deste autor que as Igrejas dos países de língua alemã não importem esta tradução experimental, tão radical por parte das (dos) feministas. Há limites no que diz respeito ao que é permissível em adaptações de textos literários para fazê-los compreensíveis hoje. Não se devem introduzir idéias estranhas ao sentido original da revelação até o ponto de distorcê-lo e obscurecê-lo. Esse tipo de distorção não pode ser justificado do ponto de vista de técnicas de tradução e nem exegeticamente é permissível. As metas justificáveis do movimento feminista em teologia têm que encontrar formas de expressão mais adequadas do que esta violação do texto original da Sagrada Escritura, ideologicamente condicionada.

(extraído e traduzido de "Rev. Bíblica Argentina, 1987/1, p. 53-55)

NOTÍCIAS

ITESC PROMOVE PAINEL SOBRE O MENOR

Dia 25/3, no horário das aulas, à tarde, o espaço foi ocupado por um painel sobre o tema da CF-87, procurando localizá-lo aqui, em Santa Catarina. Foram painelistas: representantes da Funabem e da Fucabem, do Juizado de Menores, do Parque Dom Bosco de Itajaí, da Ação Social Arquidiocesana, e do Movimento de Meninos de rua. O interesse dos presentes persistiu até além do horário previsto, observando-se que esse tema — como o das outras CFs — não pode ficar só na reflexão, devendo passar concretamente para a ação.

MISSIONÁRIO NA BAHIA PREGA RETIRO NO ITESC

Frei Luís Cappio, franciscano, há mais de 10 anos missionando na Bahia, na diocese da Barra, esteve orientando o retiro anual dos seminaristas do ITESC, no Morro das Pedras, de 24 a 26/4. Partindo da pergunta sobre o sentido da vida, Frei Luís nos conduziu pelo caminho do seguimento de Jesus Cristo na pobreza, na obediência e no amor, o amor-doação, sem o qual o padre não será pastor, mas mercenário!

SEMANA TEOLÓGICA SOBRE A IGREJA

Pe. Álvaro Barreiro SJ, professor de Ecclesologia na Faculdade da Companhia de Jesus de Belo Horizonte, à qual estamos afiliados, ministrou-nos uma Semana Teológica sobre "Modelos de Igreja e suas implicações pastorais". A "Semana" aconteceu de 1º a 4/6. O conferencista partiu do fato da pluralidade das ecclesologias no Novo Testamento, chegando às ecclesologias do e pós-Vaticano II. Analisou a ecclesialidade das CEBs e comentou os vários modelos atuais de Igreja, optando pelo modelo "dialético",

que parte do Cristo voltado para o Pai e voltado também para os pobres, aos quais pertence o Reino. Quanto à opção preferencial, apresentou seus três níveis: o da contribuição específica (p. ex. do político, do advogado, do médico, do empresário), o da alternância (dos que trabalham com os pobres), e o da encarnação — dos que optam por viver como pobres entre os pobres, partilhando sua miséria e insegurança. O debate final focalizou a nossa prática pastoral no ITESC e no Regional Sul IV, lançando questionamentos e abrindo perspectivas.

AULAS INAUGURAIS DOS SEMESTRES ACADÊMICOS

A aula inaugural do 1º semestre, no dia 4/3, foi proferida pelo Prof. Daniel Ramada y Galán, que, juntamente com sua esposa, Professora Marta Raquel Sarosola de Ramada y Galán, passaram a integrar o corpo de professores do ITESC. Vindos de ampla especialização, ambos com Mestrado em Teologia pela Universidade de Fribourg, Suíça, assumiram aulas em várias disciplinas da Teologia e da Exegese. Na aula inaugural, Prof. Daniel expôs-nos uma síntese da situação atual da teologia européia.

No 2º semestre, a aula inaugural foi ministrada pelo Pe. Dr. Vitor Galdino Feller, recém-vindo de Roma, onde obteve, em junho, o seu Doutorado em Teologia Dogmática. Sua tese, defendida "summa cum laude" na Pontifícia Universidade Gregoriana, versou sobre a "Dialética entre Revelação e Libertação na Teologia latino-americana", cobrindo a produção teológica da AL desde a "Evangelii Nuntiandi" (1975) até a "Libertatis Conscientia" (1986). Pe. Vitor apresentou-nos as grandes linhas do seu trabalho, que deverá sair proximamente pelas Ed. Loyola, na Coleção "Fé e Realidade".